

C.M.B. Biblioteca

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES



Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

1.º de Dezembro

1640

DIÁ 1.º DE DEZEMBRO—
A Pátria ergue-se num grito de revolta, num santo alvoroço patriótico, numa convulsão violenta, na ânsia de conquistar a Liberdade! São loucos! São temerários! São inconscientes os que se levantam dispostos a morrer? Não! São corações cheios de fé, almas abertas aos grandes Ideais, vontades firmes, braços invencíveis que levantam ao alto as espadas cintilantes que hão-de vencer, em luta desigual, inimigos poderosos!...

Homens de 1640! Gigantes da nossa História! Mais do que soldados valorosos, mais do que fidalgos leais, mais do que portugueses patriotas, eles são o próprio coração da Pátria doente e sucumbida. Sentem a amargura dos que gemem no cativo, sentem a afronta dum governo estrangeiro, sentem o abandono das terras descobertas e colonizadas por seus Avós, sentem o desmazelo e a ruína das nossas culturas, do comércio e das indústrias, sentem o peso dos impostos injustos, sentem a repulsa dos braços de portugueses que são obrigados a lutar por interesses de estranhos e escutam as orações de angústia de todo um povo, que chora, reza e espera ainda...

Ao raiar a manhã clara do 1.º de Dezembro um Sol doirado ilumina o horizonte da terra portuguesa, uma luz forte e estranha desperta subitamente a Pátria lusitana, que num momento liberta os braços das algemas e os ergue aos Céus, no gesto aberto da gratidão e da prece! Não são precisos comícios para arrastar o povo inteiro no mesmo entusiasmo. O sentimento de revolta andava em todos os

corações e o grito de Liberdade desencadeia a tempestade que, há muito, era a custo reprimida. A Nação agita-se e une-se num só brado e num só gesto.

Tal um mar em convulsão medonha, as forças latentes da Pátria amarfanhada, erguem-se num ímpeto.

É um povo inteiro que encara com alegria a luta, é uma geração que corre em alvoroço para o campo da batalha, no entusiasmo louco e santo de tornar livre a Pátria Portuguesa!... Só uma Nação com uma tão forte consciência nacional, com tão arreigados sentimentos de patriotismo, com tão legítimas aspirações e sagrados direitos, pode, num momento, erguer a cabeça altiva e orgulhosa, sacudindo num movimento brusco o jugo que,

(Continua na página 7)

A ESCOLA TÉCNICA DE BARCELOS VAI SER INSTALADA na CASA DE MENDANHO

(Do nosso redactor regionalista)

BARCELOS—A nossa terra, aquela em que nascemos, e por muito que dela andemos desviado, tem para nós saudades íntimas de família. Sempre que a visitamos atraí-nos, sobretudo pelas recordações do passado —a quinta onde viemos ao mundo (há um ror de anos, mais de um moio!), os pais, os avós, os velhos tios e tias, um deles que nos disseram ter sido bispo, e uma delas que ainda conhecemos freira, uns parentes próximos, como os Ferrazes, os Campelos e os Perestrelas, outros afastados como o famoso «Alferes Barcelense», e até a capelinha onde fomos baptizados, a roseira do quintal em cujos espinhos ensanguentamos as mãozitas, o cão e o gato que se enroscavam no nosso berço... Que sei eu... Uma infinidade de pequenos nada que vivem no

nosso espírito e nos acompanham pelo vida fora, sendo, como são, o maior conforto, o mais poderoso lenitivo para as nossas amarguras da velhice...

*

Barcelos, cuja história anda ligada à vida nacional, sobretudo durante a segunda dinastia, e que ainda conserva, além dos seus Paços do Duque e do Solar dos Pinheiros, a pequenina e modesta residência que foi do condestável D. Nuno Alvares Pereira; Barcelos, à beira do Cávado, que a une a Barcelinhos —ainda tenho na memória o conto de fadas da «Barca Coeli, com que as velhas tias me adormeciam em Casal de Nile; Barcelos, a do alcaide de Faria e, mais tarde, a do grande bispo D. António Barroso, que Rocha Martins e eu vimos passar preso pelas ruas de Lisboa, aquando da proclamação da República, sem o menor respeito pelas suas barbas apostólicas do velho, honrado e prestigioso missionário; Barcelos, do milagre das Cruzes, das grandes feiras semanais e até da anual, que precedeu a da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo; Barcelos, a minha querida terra, que eu deixei vila e hoje é cidade, está a desenvolver-se, a progredir. Não acusa, é certo, grandes e sumptuosos edifícios modernos, porque toda ela cabe nos seus solares antigos, à maneira minhota, e nas suas casinhas, algumas com azulejos a revestirem a fachada e outras com as paredes pintadas de amarelo ou cor-de-rosa, para fazerem sobressair os brancos do granito das portas e janelas e os verdes dos ferros das varandas de sacada. À entrada, sobranceira e colocada no alto de imensa escadaria, a dominar o rio e a outra margem, onde

(Continua na página 8)

OS PENSAMENTOS DO MÊS

Pátria

Ninguém ama a pátria porque é grande, mas porque é sua.

Sêneca

O amor à pátria é a lei de gravidade da alma.

Campoamor

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste.

Olavo Bilac

A cinza dos mortos é a criadora da pátria.

Lamartine

Que seria a pátria, se não fosse a imagem de uma grande família?

Monclau

Biblioteca Municipal de BARCELOS

O Snr. Dr. Marcelo Caetano fala da Perseverança no Presente e Confiança no Futuro

(Continuação dos n.ºs 50 e 51)

Antes de mais temos de equacionar o problema da livre circulação das mercadorias e dos capitais na zona do escudo, formada pelo conjunto das províncias metropolitanas e ultramarinas de Portugal.

Acresce que não parece conveniente entrarmos sem reservas numa Comunidade Económica Europeia ou numa Zona Europeia de Livre Câmbio sem primeiro termos equacionado o problema da livre circulação das mercadorias e dos capitais na Zona do escudo, formada pelas províncias metropolitanas e ultramarinas de Portugal.

Mas se estas razões todas aconselham a que não aceitemos entrar num acordo concebido para satisfazer os interesses de potências industriais e na maior parte sem as responsabilidades ultramarinas que nós temos, outros motivos há que impõem que não nos alheemos do movimento europeu.

É que não podemos esquecer que, como noutras ocasiões tenho notado, cerca de 67 por cento das nossas importações provêm dos países que participam desse movimento e para eles se encaminham 60 por cento das nossas exportações.

A indústria portuguesa não pode ficar indiferente a esta evolução do mercado continental com as consequências que vai produzir inevitavelmente na automatização, na dimensão das empresas, e quase por certo até na organização internacional da indústria europeia

Por outro lado, a indústria portuguesa não pode ficar indiferente a esta evolução do mercado continental com as consequências que vai produzir inevitavelmente na automatização, na dimensão das empresas, e quase por certo até na organização internacional da indústria europeia. Ficar à margem destas grandes transformações, que alguns prevêem comparáveis a verdadeira revolução industrial, seria tão pernicioso como deixar-se massacrar pela destruição prematura das barreiras aduaneiras.

Portanto de duas, uma: ou a Zona de Livre Câmbio acaba por ser concebida em termos suficientemente amplos e elásticos para nela caberem os países em via de desenvolvimento económico e com interesses específicos a salvaguardar; ou então, embora forçados a permanecer fora da Zona, devemos procurar

uma forma de nos associarmos ao mercado comum ou à própria Zona nas condições e para os efeitos que a nossa situação particular permitir de maneira a não perdermos o contacto com os nossos clientes europeus e a não nos deixarmos ficar mais para trás, ainda, no campo industrial.

As Convenções pelas quais um País, embora ficando de fora das instituições, se lhes associa para fins determinados e pela forma que as suas circunstâncias peculiares permitam ou aconselhem, são possíveis; temos um exemplo no tratado que associou a Grã-Bretanha à Comunidade Europeia do Carvão e do Aço. O Tratado da Comunidade Económica expressamente as prevê no artigo 238.º e decerto também hão-de ser previstas no Acordo que criar a Zona de Livre Câmbio.

Se não nos for possível ingressar na Zona de Livre Câmbio em virtude desta ser organizada sem contemplação pelos interesses dos países como o nosso, nem por isso deveremos descansar à sombra das altas muralhas da protecção aduaneira e fiados na eficiência do condicionamento industrial, tornando-se imperioso, ao contrário, que tratemos de nos apetrechar para estarmos presentes nos novos campos em que vai travar-se a batalha do comércio internacional e com as novas armas que ele exigirá

Quer isto dizer que, se não nos for possível ingressar na Zona de Livre Câmbio em virtude desta ser organizada sem contemplação pelos interesses dos países como o nosso, nem por isso deveremos descansar à sombra das altas muralhas da protecção aduaneira e fiados na eficiência do condicionamento industrial, tornando-se imperioso, ao contrário, que tratemos de nos apetrechar para estarmos presentes nos novos campos em que vai travar-se a batalha do comércio internacional e com as novas armas que ele exigirá.

Queixamo-nos da escassez do capital. Mas estamos muito longe de tirar todo o partido possível dos investimentos já feitos. Por falta de mercados? Sinceramente não o creio. Raros são os produtos que não suportam dura concorrência estrangeira no mercado interno. O Estado faz em geral o que pode para defender a nossa indústria. Não sei porém se ao seu esforço se juntam outros esforços que seria necessário adicionar-lhe de

modo a tirar o maior partido da acção comum.

Admito que a indústria procure melhorar cada vez mais a qualidade e a apresentação dos produtos e ao mesmo tempo baratear os preços pelo aperfeiçoamento da técnica e aumento de produtividade. Mas quanto se poderá na maioria dos casos progredir ainda! Rasgam-se nesses domínios tão largas perspectivas que estou mesmo convencido de que terá de se concentrar aí nos anos mais próximos a melhor das atenções do Governo e dos esforços dos industriais.

E' preciso extirpar da nossa mentalidade o doentio desdém pelos produtos nacionais, preferidos, quantas vezes! por produtos estrangeiros que não são melhores, nem mais baratos

Não basta porém que a indústria portuguesa produza cada vez mais, melhor e mais barato. É indispensável que o comércio colabore nesta campanha do apertuguesamente do consumo dos artigos industriais, guiando e aconselhando o público na preferência pelos produtos do trabalho dos portugueses.

Mais ainda: é preciso que todos, os organismos corporativos da indústria, o Estado, os comerciantes, insistamos na educação dos consumidores, de maneira a extirpar da nossa mentalidade o doentio desdém pelos produtos nacionais, preferidos, quantas ve-

zes! por produtos estrangeiros que não são nem melhores, nem mais baratos.

Sempre que se adquire o produto de uma indústria portuguesa, de uma indústria em que está investido capital português e que emprega trabalhadores portugueses, está-se a contribuir para o progresso da riqueza nacional e, portanto, para que prossiga o desenvolvimento económico do País.

E a verdade é que não há outra via certa e segura para promover e consolidar esse desenvolvimento, que não seja a do trabalho. É o trabalho, aplicado e dirigido inteligentemente, que conduz à riqueza dos indivíduos como à das Nações. Ora todos nós podemos proporcionar trabalho aos portugueses se preferirmos os produtos dele.

A indústria portuguesa tem, de resto, além do mercado metropolitano, o mercado, de enorme futuro, do Ultramar; e não há razão para que se não lance aos mercados estrangeiros, mercados de que muitos dos nossos industriais aprenderam já o caminho. Existem neste momento certas circunstâncias que desfavorecem a nossa exportação para alguns dos mercados ultramarinos? É certo. Mas trata-se de dificuldades passageiras e que o Governo tem a preocupação de remover o mais breve possível, até para que se não percam posições conquistadas durante anos seguidos de perseverança numa política.

(Continua no próximo número)

A Escola Técnica de Barcelas

(Continuação da página 8)

ra») e na sua casa de Castro Nuño recebeu o monarca português quando este, após a batalha do Toro e por a julgar perdida, fugiu de Portugal. Pedro Mendanha continuou fiel à causa portuguesa, só se rendendo em condições que ele mesmo impôs: — as de sair das suas vilas com as bandeiras desfraldadas, atravessando Castela até Miranda do Douro e trazendo consigo a casa e os que estavam nas vilas com as suas armas, cavalos e bagagens. E, assim — como reza a crónica de Rui de Pina —, Pedro Mendanha chegou a Portugal e no nosso país se instalou, primeiro no Porto. Sucessivamente foram-lhe dadas algumas vilas do reino, até que em 18 de Março de 1488 ocupou o cargo de alcaide-mor de Barcelas, assim

como a capitania e a frontaria da mesma vila.

Data, portanto, daquela época a casa que se ergue hoje na cidade de Barcelas, junto do prédio onde está o Grémio da Lavoura, e que ostenta as armas dos Mendanhos — azul, cota de armas de prata, passada de três setas de vermelho com penas de ouro, gotadas de sangue, e por timbre as três setas em roquete, atadas de prata —, e na qual vai ser instalada a escola técnica.

*

Com a devida vénia transcrevemos o artigo acima, publicado no «Diário de Notícias» de 28-10-957, ao qual Augusto Soucasaux responderá no próximo número.

Leia, Assine e Divulgue

«Boletim Social da TEBE»



○ Inverno chegou, talvez que um pouco antecipadamente. A natureza está ainda em pleno Outono. Pelos campos, matas e jardins as folhas amarelecidas vão caindo lentamente e com elas saudades dos dias lindos. O Sol ainda doira de tons e reflexos cromáticos as árvores e ramadas, mas já, pelas serras, desce a neve, cobrindo-as, mansamente, no aconchego do seu abraço frio e branco.

CAI NEVE

Os homens procuram o conforto doce do lar e a família unida encontra mais calor na amizade que a liga. Lá fora há frio, vento, chuva, neve, tempestades, vícios e tentações; dentro da casa há lume, união, amizade, sacrifícios ignorados, trabalhos violentos, mas feitos por amor que, o carinho e a ternura, de todos, recompensa e torna leves.

O Inverno tem beleza porque tem o condão de tornar mais íntimos e mais fortes os laços que prendem os pais aos filhos. Estes, é no regaço das mães que procuram refúgio para o frio que os tosse e os impossibilita de

NA NATUREZA...

brincar e, as mães, é no jeito carinhoso de os aconchegar que descansam os braços das lidas pesadas do dia, que finda, e é, nesse jeito, protector, que encontram novas forças para os trabalhos do dia que segue. Não são pobres os filhos que têm mães a ampará-los, mas são pobres e desgraçadas as mães que não têm o preciso para dar aos filhos, porque só as mães sentem o frio, a fome, o desconforto, o desamparo dos seus filhos. O vento que enregela as mãozinhas tentas, a neve que cresta as faces, a chuva que encharca roupas e calçado, tudo cai, enche e avassala o coração amargurado das mães, que lutam e trabalham, numa ânsia insatisfeita e infrutífera, de dar, aos seus pequeninos, todo o conforto, como lhes dão, sem medida, todo o seu amor e sacrifício.

Há tanta criança ao frio, sem roupa que a aconchegue, sem calçado que a defenda, sem alimentação que a faça resistir às agruras dum Inverno rigoroso!... Parece que há uma indiferença colectiva ante as necessidades absolutamente legítimas das crianças, que andam sem conforto e dos pequenitos a quem enfiaram peças velhas, largas e grandes que nada se adaptam ao seu corpo miúdo e franzino.

Porque andam tão mal vestidos e tão pouco agasalhadas, as nossas crianças? Será miséria? desleixo? indiferença? ignorância das mais rudimentares noções da formação integral dos homens de ama-

Tão pequenino, meu Deus!

*Tão pequenino, meu Deus!
É tão grande no sofrer...
mãos esguias, quais punhais,
em luta p'ra não morrer...*

*Tão pequenino, meu Deus!
De mãozitas penduradas,
lembra um boneco movido
por cordas desconstradas.*

*Cabelos soltos ao vento,
assim dispersos, perdidos,
lembram universos de dor
a retalhar-me os sentidos.*

*E os pezitos, tão descalços,
assim, na lama, a brincar...
Têm um poder estranho
de me fazerem pensar...*

*Com outros meninos brinca
nos charcos da mesma rua...
a casa dele não tem porta
e o teto é só a lua...*

*É feliz... sempre feliz?
Não acredito... SENHOR!
Ele pensa e reza sozinho
no meio da sua dor.*

nhã? Será egoísmo, às vezes? E porque não, se há pais que desperdiçam inutilmente na satisfação dos seus pequenos ou grandes vícios, dinheiro, que daria para agasalhar convenientemente os seus próprios filhos? Não creio que seja por falta de amor para com esses pequeninos seres indefesos e sem consciência dos seus legítimos direitos, mas os pais são os responsáveis pela saúde e pelo desenvolvimento normal dessas crianças que, quantas vezes, dão apenas homens inúteis porque o abandono ou o desmazelo não deixou que se desenvolvessem com o vigor e a saúde, necessários, nem com as qualidades da alma, precisas, para saberem ocupar plenamente o seu lugar no aglomerado social.

As crianças a quem falta o conforto dum agasalho, o calor duma família unida,

Seu mãe

Esta palavra tão harmoniosa, MÃE, tem um encanto tão poderoso, que resume em si tudo o que o amor tem de mais puro, a ternura de mais santo, a dedicação de mais sublime; e enfim todas as afinidades castas e inexplicáveis. — *Campagne.*

ou a alimentação adequada não podem satisfazer o trabalho físico e intelectual que pais e professores exigem. Os anos passam e a pressa dos dias de hoje exige que se empreguem ainda mal desenvolvidas e sem qualquer formação espiritual. Aí vão depois, aos trambolhões, e aos acasos da sorte, adquirindo direitos e ignorando deveres.

Mas porque andam tão esfarrapados os nossos rapazinhos e rapariguinhas, tão sujeitos, tão desmazelados, quando os irmãos e irmãs mais velhos se vestem com conforto? Não é miséria muitas vezes!...

Haverá realmente mães que não sabem dirigir a sua vida de maneira a pôr, em primeiro plano, as necessidades urgentes dos seus filhos pequeninos? Talvez elas sejam algumas vezes as culpadas, porque casam sem preparação alguma e desconhecem os mais elementares deveres e obrigações de senhoras duma casa, orientadoras da sua economia, responsáveis da sua organização. É um problema aflitivo, a falta de preparação das nossas raparigas para o casamento, e, as únicas e verdadeiras vítimas são os filhos, que não saberão criar, nem educar, nem proteger, nem defender. Por isso quando o Inverno chega, como diz Augusto Gil

*Cai neve na Natureza
É cai no meu coração...*

As almas caridosas de estranhos condoem-se do abandono e da miséria das crianças, mas muitas vezes os próprios pais esquecem-na, olham-na com indiferença ou acalentam nos seus espíritos apenas o direito da revolta e não o dever dos sacrifícios. Nunca todos poderão ter o que querem mas todos, ou quase todos, podem ter o que precisam.

Alguém deve pois assumir a responsabilidade deste grave problema que atormenta: crianças com frio, em meses sucessivos de invernos agrestes! Esse alguém, nos lares em que não há direito de haver miséria, ou são as mães pelo seu desmazelo ou os pais pelo seu egoísmo!...

Maria



Dirigida por Waldemar Esteves

Os nossos ídolos

VAI começar «Boletim Social da TEBE» a partir do presente número, com a publicação da vida desportiva de alguns nomes do desporto minhoto. Queremos assim prestar uma singela homenagem aos desconhecidos do desporto que não conseguiram ou tiveram a sorte de se alcançarem aos píncaros da glória e da fama, mas igualmente com a mesma dedicação daqueles servem o Desporto.

Começamos a série com

FERNANDO RANITO

Um nome do oquei nacional

Quem não conhece, especialmente no norte, Fernando Ranito, antigo atleta do Vigorosa e actual treinador-jogador da Tebe? Se os espectadores do oquei patinado não se recordam da sua figura esguia, que «passeou» por inúmeros riques nacionais o seu porte de atleta brioso e correcto lembrar-se-ão certamente os ouvintes da Rádio Clube Português onde, através dos seus microfones, Ranito todas as semanas expõe os mais variados assuntos daquele que devia ser o desporto número um em Portugal.

Contribuindo com o seu esforço físico, como praticante, e com as palestras pela rádio, estes atributos firmam-no como um nome incontestável do nosso oquei.

É deste rapaz apumado e modesto, que vamos hoje falar.

Do alto da Covilhã

Infância, como tantas outras; as mesmas traquinices, as «fugas» sorradeiras da casa paterna, na qual não faltou a propensão para o Desporto. Nascido na mais alta cidade de Portugal (Covilhã), onde a terra parece beijar o céu, aquele «pimpolho» de olhos vivos a quem deram o nome de Fernando, era o segundo rebento do casal. Cedo evidenciou os seus dotes de desportista, dedicando-se ao voley, basquete, atletismo, modalidades estas que só por falta de saúde não pratica hoje, também.

...Ao Porto: princípio da «doença»

Tinha doze anos quando começou a dedicar-se ao oquei talvez levado por aquela onda de entusiasmo (1946) que se seguiu aos primeiros êxitos além-fronteiras do «cinco» lusitano.

Nunca foi contrariado nesta paixão, aliás inútil, dado o feitio voluntarioso do pequeno Fernando.

As lágrimas mais sentidas foram pelo... oquei

Com 14 anos estreou-se nos júniores do Vigorosa. Mas deixemos o próprio Ranito contar como foi essa estreia.

«Jogava eu contra a Sanjoanense antes de um Norte-Sul, na antiga nave do Palácio Cristal. A primeira parte correu-nos mal, e convencido ser eu o causador sentei-me num banco no corredor dos balneários. Estava de tal maneira que, se me falassem eu chorava. Pois bem: o Sidónio Serpa que ia a passar, sentou-se ao meu lado e quis saber o porquê da minha tristeza. Quis-lhe contar mas não pude. Chorei... chorei e quanto mais me falavam mais chorava. Era o Sidónio, o Cipriano, e até o então presidente da A. P. P. a querer-me consolar mas desde que as

DESPORTO

POR WALDEMAR ESTEVES

COM as proporções que o Desporto tomou, tornou-se este um problema actual de capital importância.

Os Estados integram-no adentro de organizações públicas, a Assembleia Nacional tem-lhe dedicado tempo. O incremento é tal, que quase toda a gente no mundo de hoje se interessa pelo desporto e não usamos a regra geral para não ferirmos, certas excepções que por «snobismo» ou, em raríssimos casos por convicção, afastam-no ou procuram afastá-lo do seu intelecto.

Sua Santidade acompanha e espera do Desporto uma melhor compreensão universal, e nós também esperamos do Desporto...

Não esperamos tanto, mas pelo menos esperamos a actualização da frase latina «mens sano in corpore sano». E porque esperamos e não cremos?

E' o que procuraremos tratar, não com subtilidades nem com teorias retóricas nem com elevação, mas procuraremos entrepor factos e ideias que, por humanas... discutíveis.

Passaremos em análise as diversas modalidades e, especialmente, as mais queridas das massas. E como não podia deixar de ser, abriremos com o futebol. Se o leitor tiver suficiente coragem para ler este desprezioso escrito, aconselhamos a procurar no próximo número e no mesmo local as nossas considerações.

lágrimas saíram, só pararam quando o reservatório se esgotou.

Que saudades eu tenho dessas lágrimas!»

11 anos ao serviço do oquei em patins

Começou nos júniores do Vigorosa em 1946. Jogou um ano (não oficialmente) no Sport Clube do Porto. A passagem por este clube foi uma criança sua, segundo nos contou o próprio. Em 1952 foi estudar para Lisboa. Uma vez lá recebeu vários convites, mas acabou por preferir o O. C. de Vila Franca, por lhe ter agradado o ambiente, coisa que ainda hoje lhe interessa mais num clube ou seja, a camaradagem. Foi neste clube que Ranito fez a sua estreia em séniores, em Torres Vedras. O Vila Franca venceu por 7x3, tendo Ranito contribuído de maneira decisiva para a vitória com a obtenção de quatro tentos.

Ao fim de um ano regressou ao Porto e por conseguinte ao Vigorosa onde se manteve até 1956 data em que ingressou no C. D. da TEBE.

Resumindo: 11 anos dedicados ao oquei patinado, com dois títulos em júniores, um regional da 2.ª divisão do sul, um título universitário e outro pela Escola do Exército.

Qual se seguirá? Com 22 anos o oquei ainda espera muito de Ranito.

(Continua na página 5)

Campeonato de Portugal

Ganhando em Barcelos ao Boavista por 4-2, o C. D. da TEBE foi eliminado da prova, ao perder no Bessa por 6-0

Tinhamos dito quando dos comentários à classificação do nosso Clube no Regional:

«Agora vamos ao apuramento para o Nacional. As características destes jogos, torna-os autêntico jogo de lotaria. Confiamos porém no brio dos rapazes.»

Que houve brio ninguém pode negar. Um «cinco» desfalcado de duas pedras basilares (Ranito e Carvalho), ganhou um jogo que ninguém acreditava. Animados por uma assistência que os incitou durante os quarenta minutos, a TEBE venceu por uma marca que não traduz com fidelidade o domínio exercido.

Já no Porto as coisas não correram da mesma maneira. Que estes jogos eram lotaria, confirmou-se no Bessa. Pelo que jogou cá a TEBE e pelo que mostrou o Boavista, a derrota, não em si, mas pela expressão dos números, causou surpresa. Causas? Talvez a TEBE perdesse, mas num rinque impraticável, para quem nele não está habituado, e um árbitro com medo, foram razões para a expressão do resultado.

Das arbitragens, em Barcelos regular, no Porto...

Que Fernando Loureiro tem vontade, ninguém põe em dúvida. Mas isso não chega. Há o alhear-se do ambiente, não se deixando influenciar pela assistência, que quando protesta, a maior parte das vezes é apenas para desorientar o juiz de campo; e acima de tudo não querer alardear um excesso de personalidade que não passa de uma capa a encobrir a falta de reflexos rápidos, já por demais conhecido em Loureiro. Personalidade sim, mas moderada.

A terminar: finalmente o público barcelense viu na TEBE um Clube da sua terra. Pode-se dizer que foram os seus incitamentos que levaram o Clube à vitória. Assim como temos criticado a indiferença, é com regozijo que focamos a atitude dos Barcelenses. Daqui, o nosso reconhecimento.

Jone & Tone

REFLEXOS DE DUAS RESOLUÇÕES

COMO noticiamos no número passado, a F. P. P. deu como procedente um recurso apresentado pelo C. D. da TEBE, vendo-se, por tal motivo, o F.A.C. arredado do poule de apuramento para o

ESTARÁ CERTO?

POR despacho superior, o Famalicense repetiu os quatro primeiros jogos do Regional da A. P. M.. Não pretendemos pôr em causa o acertado ou não de tal decisão, pois o assunto já foi largamente debatido. O que pretendemos é chamar a atenção para o seguinte: os Clubes que em nada contribuíram para que tal anomalia se verificasse, são os castigados.

Numa modalidade de receitas quase nulas e de grandes despesas, organizar jogos nesta quadra do ano, corresponde a prejuízos para uns, enquanto que as deslocações que outros serão obrigados, mais irão abalar as já precárias finanças das colectividades.

Os que tinham de deslocar-se (por sinal equipas de Barcelos) não o fizeram, e o V. de Barcelinhos não organizou o encontro que lhe competia. Se tal atitude, desportivamente é de lamentar, materialmente, que é afinal o lema que o mundo de hoje segue, é compreensível. A Associação, única culpada, é quem devia de organizar os jogos e suportar com os encargos das deslocações. Os Clubes já prejudicados com o que se verificou, não deviam continuar como vítimas.

A. Luís

As Malhas TEBE

não receiam confrontos... Continuam na vanguarda do bom gosto.

Campeonato de Portugal de oquei em patins.

Recorrendo às autoridades superiores, o Famalicense demonstrou, como aliás nós já aqui tínhamos dito, que a culpa não lhe pertencia, pelo que a Direcção Geral dos Desportos mandou repetir àquele Clube os primeiros jogos do Regional, em face de cujos resultados dependerá a sua permanência na prova; os directores da A. P. M., afinal os únicos culpados, foram castigados com uma *repreensão registada*. Este castigo fez-nos reflectir: o Famalicense em princípio culpado, severamente castigado; os verdadeiros culpados uma simples repreensão. Especificamos: quando o F. A. C. culpado, o clube era arredado de uma prova, continuava com o atleta, origem da questão, castigado, era-lhe atribuída uma classificação no Regional, que em nada condizia com o reconhecido valor da equipa, afora os danos morais e materiais que tal castigo lhe trazia, isto a uma colectividade que tem feito algo em prol da modalidade; aos dirigentes culpados, que nada fizeram que prestigiasse o oquei patinado, um castigo que, comparado ao que o Clube em questão, sofreria quase poderíamos considerar irrisório. Certo?

*

Informaram nos que os directores da Associação pediram a demissão dos seus cargos. Incapazes de arcarem com as responsabilidades contraídas, desertaram. Talvez esta atitude seja a única coisa de bom que fizeram em prol do Oquei da nossa Região.

A. Luís

Os nossos ídolos

(Continuação da página 4)

Nem tudo são rosas

Dois factos alegraram extraordinariamente este atleta: a conquista do regional do sul da 2.ª divisão e uma vitória sobre o Benfica em Lisboa, tirando a este clube o título máximo. Tristezas? Quem as não tem, principalmente em Desporto. Mas a vida é assim, mais tristezas do que alegrias; aliás só assim se poderão saborear convenientemente as alegrias.

2 canivetes que fazem dores de cabeça

A quase todos os praticantes desportivos, surge em suas carreiras as mais engraçadas peripécias. Ranito não foi uma excepção. Estando em Estremoz a disputar um jogo decisivo para o título regional da 2.ª divisão (que veio a conquistar) o público estremeño não estava satisfeito pelo facto da sua equipa estar a perder. Entre as muitas interrupções originadas pelo «entusiasmo» da assistência local, numa delas Ranito viu no ringue dois canivetes abertos. Começaram a surgir as dores de cabeça e as mais pessimistas perspectivas afloraram à ideia do simpático atleta. «Para que serão? Se... serão para mim? Brrr...».

Tentou convencer-se que os amaldiçoados canivetes caíram ali por «acaso».

«Imagine como eu fiquei», disse-nos Ranito quando nos contou esta «aventura».

O atleta que mais admira

«Esta pergunta é de resposta muito difícil» disse o nosso entrevistado — «mas mesmo assim posso dizer que dentro do oquei em patins o atleta que mais admiro e gostaria de imitar é o espanhol Orpinelli, que considero a maior figura do oquei actual».

Nova faceta da sua vida: treinador

Contribuindo como atleta, Ranito quis levar mais longe esse contributo: ensinar aquilo que a experiência de 11 anos de prática lhe legou. Convidado pela Direcção do Vigorosa, para orientar os infantis e ajudar o Dr. Aragão (o homem que o ensinou a jogar oquei, no dizer de Ranito) nos júniores, em 1954. Manteve esse cargo, que o ensinou bastante e o levou a estudar o mais profundamente possível. Mais tarde tomou conta dos júniores, para depois ser convidado, por intermédio do Dr. Aragão, para treinar o C. D. da TEBE. A sua acção neste clube está por demais comprovada através de excelentes exhibições e um honroso 3.º lugar. De um grupo habilidoso sim, mas taticamente indisciplinado Ranito fez um team homogéneo, sobrepondo ao individualismo pernicioso, o espírito de entreajuda.

Cultura e Desporto

Infelizmente nos nossos dias a matéria sobrepõe-se ao espírito. Os nossos atletas descuram lamentavelmente a sua formação intelectual, não atentando que com ela mais se poderiam aperfeiçoar no Desporto.

O Desporto fazendo uma grande parte da sua vida não fez esquecer a Ranito a sua formação cultural. Possui o 7.º ano do liceu, a frequência dos preparatórios Militares e várias cadeiras de Engenharia. Forçado a abandonar os estudos, continua a procurar novas luzes apesar da sua vida profissional; está empregado nos escritórios da Mabor. Um exemplo a apontar aos nossos atletas.

A gratidão do Desporto

Todo aquele que serve o Desporto com brio recebe deste sempre algo que lhe perdurará pela vida fora.

Diz-nos Ranito:

«Além da vantagem de conhecer gratuitamente terras do nosso Portugal, o Desporto ajudou-me a criar uma personalidade que sem a sua ajuda não criaria.

A minha maior ambição? Neste momento era ter saúde para poder continuar a jogar, e enquanto não posso gostaria de fazer alguma coisa de útil pela modalidade. Talvez isto seja presunção mas realmente gostaria...»

E aqui têm os nossos leitores a história daquele menino de feito voluntarioso que um dia desceu da Covilhã e veio para o Porto, onde se fez jogador de oquei em patins.

Jone & Tone

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Quando o Desporto é mal praticado

POR A. LUÍS

MESMO exceptuando os motorizados, em que a maior parte das vezes o homem tem de se submeter ao capricho das máquinas, nunca o desporto fez tantas vítimas como nos nossos dias. Ao falarmos em vítimas, não é propriamente a acidentes mortais que nos queremos referir, mas especialmente a ruínas físicas e morais com consequências mais funestas do que a morte.

A quem atribuir a culpa? Ao próprio Desporto? As multidões que cada vez exigem mais e melhor? Ou a deficiências dos praticantes?

Analise os casos. Não se pode incriminar o Desporto, por mais violento que ele seja, pois não exige que o pratiquem. As multidões? Mas quem manda ao atleta competir uma vez que não pode ou não está convenientemente preparado? Sim, é para estes maus praticantes do Desporto, que vão para os estádios em precárias condições físicas, técnicas e morais, a razão de ser destas linhas.

Não pretendemos analisar todas as situações em que o Desporto é mal praticado, mas não deixaremos no entanto de chamar a atenção aos praticantes e a todos os interessados.

Pratica-se mal o Desporto, quando se vai competir, por vaidade pessoal ou por capricho, sem a indispensável base ginásico-desportiva.

Vai-se por mau caminho no Desporto, quando só se comparece aos festivais e não se frequentam assiduamente os treinos, base de toda a acção desportiva. O Desporto jamais poderá resultar em benefício daqueles que, com uma alimentação deficiente e um repouso que não existe, mas com uma vontade férrea de vencer o jogo ou corrida, não atentam a que o Desporto só poderá ser benéfico quando fundamentado num corpo são.

Quantos dramas não têm o seu princípio, quando no desporto se pede demasiado a músculos e nervos? Quantos não conseguem equilibrar o entusiasmo da luta com as suas possibilidades reais? É que, se esquecem lamentavelmente que o corpo pode e deve habituar-se ao esforço mas jamais se acostumarà à fadiga.

O GIL VICENTE NA 2.ª DIVISÃO NACIONAL

começo da equipa do Gil Vicente no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão era esperado com certo optimismo mercê da sua esplêndida actuação na prova anterior. Atendendo-se, ainda, que a turma pouco alterada tinha sido — a retirada de Pontes e a dispensa de Tito — tudo deixava prever que o grupo se bateria por um lugar compatível com a classificação anteriormente obtida. Foi, porém, desanimador para os adeptos do Gil os primeiros desafios efectuados e, sobretudo, maus os resultados feitos no seu próprio campo. A equipa não estava a produzir o seu melhor... e a descrença começou a enraizar no espírito não só dos componen-

Mário Campos Henriques

Depois de longa viagem através das nossas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique e, também, da África do Sul, regressou a Barcelos o Ex.^{mo} Senhor Campos Henriques, mui digno sócio-gerente da TEBE.

«Boletim Social da TEBE» cumpre o dever de apresentar ao seu director honorário os mais expressivos cumprimentos de regresso.

Nota da Direcção

«Boletim Social da TEBE» não se obriga a publicar a colaboração não pedida, embora esta lhe mereça o maior respeito e a aceite com todo o carinho. Esclarecemos, entretanto, que os originais não publicados não serão devolvidos.

A. B.

tes da turma como na própria assistência aos desafios. Apesar dos maus resultados contra o Espinho, Vila Real e Vitória de Guimarães o grupo teimava em lutar contra a adversidade e, também, contra o «complexo de inferioridade» que minava o espírito da equipa.

Podia-se, e com razão, apontar deficiências mas só serviriam para cavar ainda mais o «fosso» que se estava a formar entre «equipa-assistência» e, os resultados, seriam contraproducentes. Procuramos insuflar sempre novas energias, não nos deixando levar pela «sabedoria» dos que afirmam «conhecer bem o futebol» e, sem alardes, continuamos na «obra construtiva» a bem do clube. Existiu, porém, um momento em que lançamos o nosso grito porque, a desorganização adentro do «time», era bem patente... Tornava-se, urgente, uma transformação na figuração da equipa onde elementos, cheios de boa vontade, não bastavam para que o grupo resolvesse a situação imprescindível nos encontros em que tinha de conquistar pontos. Veio para a equipa um elemento que deu mais agressividade ao quinteto avançado: Silva, ex-Salgueiros e, consequentemente, o recuo de Canário para o «seu» lugar. E embora a alteração ao xadrez da equipa se resumisse quase a estes dois elementos certo é que tem dado uma centelha já do muito que pode fazer. A melhoria que se vem notando — já contra o Tirsense como com o Peniche — pode servir para que a recuperação da equipa seja um facto e a sua posição na tabela defina, com clareza, a sua verdadeira classe.

Vai terminar a 1.^a volta da prova e é de atender que à equipa do Gil Vicente lhe toquem, no seu campo, três adversários com pretensões ao título: Covilhã, Guimarães e Boavista. Nos dias 1 e 8 de Dezembro jogam, respectivamente, o grupo portuense e o serrano. Não será cedo para apelarmos para que TODOS se reunam no campo «Adelino Ribeiro Novo» no sentido de apoiarem, como é DEVER dos BARCELENSES, a equipa da nossa Terra, acarinhando-a para que os jogadores «sintam» os incitamentos tornando-se — dentro do maior desportivismo — jogadores com a confiança precisa para derrubarem os obstáculos que representam aqueles adversários. E, com o apoio de TODOS, o Gil Vicente marcará, honrosamente, a sua passagem no Campeonato Nacional da II Divisão não deixando, desmerecida, a sua anterior presença, onde conquistou um 4.^o lugar brilhantíssimo e, ainda, com a recuperação poderá estar presente na fase final desta prova.

A equipa gilista tem na experiência de Nolito-Eduardo-Valdemar; na juventude e habilidade de Vieirinha e Seródio; na real classe de Canário e Gelucho; e na voluntariedade e espírito de sacrifício de Nova, pedras basilares para uma recuperação a todos os títulos provável mas, repetimos, ajudada pela carinhosa assistência nos desafios; pelos incitamentos nas jogadas que, por falta de sorte, não «saem» como se deseja e, sobretudo, pela atmosfera de confiança na equipa que, acima de tudo, é a representante da cidade no Campeonato Nacional de Futebol.

E quem se alhear desta campanha não se deve sentir com o que possa acontecer por que, o seu indiferentismo, é prova por mais convincente de que os problemas da Terra — sejam eles quais forem — só servem para aparecerem, na hora do triunfo, impunhando a bandeira de vitória e proclamando-se os «eternos mártires» — A BEM DA TERRA.

Ribeiro Novo

N. R. — Agradecemos a Ribeiro Novo a sua promessa de, no futuro, honrar com as opiniões desportivas o nosso modesto «Boletim». Esperamos que, normalmente, nos dê a sua interessante colaboração.

O último desejo da octagenária

○ apito agudo do comboio, ouviu-se não muito longe do apeadeiro em que dentro em pouco estacionara. Dele, apenas saíu um homem que embora não ultrapassasse os cinquenta anos, o seu aspecto cansado e triste denotava bem a luta com o destino. Vestido elegantemente, sem aparentar opulência, caminhava hesitante com uma pequena mala na mão. Parava aqui e acolá, com um olhar inquiridor, como que demandando o que já conheceu e que agora não reconhecia.

Parecia-lhe impossível que aquilo fosse a sua terra tranquila e rude que há vinte e tantos anos tinha deixado. Não podia ser! Aqueles prédios altos e com certos requintes, aquelas ruas tão bem talhadas, enfim, todo aquele aspecto senhoril que emanava, não podia ser da sua aldeia, que escondida no meio da vegetação, mal ousava fitar a faixa azul do doce rio, que a dividia em duas partes.

Perante aquele cenário que o seu espírito nunca tivera imaginado e que lhe era totalmente desconhecido, retrocederia, se o seu olhar, elevando-se mais, não atingisse outro local de casas rústicas, onde a natureza na sua exibição luxuriante, engalanava um outeiro de suave declive e onde o progresso ainda pouco havia feito. Quedou-se hirto e mudo nessa simplicidade natural, que foi por assim dizer, o seu berço, a aurora dos seus dias:

Lá estava a casa, onde primeiramente vira a luz do dia e que há bastante tempo deixara. Aquelas paredes negras e vacilantes, eram como braços amigos que se lhe estendiam a dar-lhe as boas vindas e a convidá-lo ao repouso. E, sem hesitar, seguiu com rumo à velha habitação, revivendo nitidamente o seu passado...

*

No percurso, debaixo daquela atmosfera sãdia, onde todos os recantos lhe falavam da meninice, deixou antever no espírito esta pergunta:

— Viverá alguém nessa casa para a qual eu vou caminhando?...

Ao partir, entre lágrimas e soluços, deixara aquela que lhe deu o ser, já um pouco vergada pelo peso dos anos. Na sua solidão, a pobre velhinha, ansiava pelas cartas do filho que partira para a longínqua África, angariar o sustento, a fim de poder regressar à terra, isento de privações. Mas as cartas que a pouco e pouco escasseavam, acabaram por terminar, e já muitas anos, que de parte a parte, não havia notícias.

E com este pensamento a envolver-lhe o espírito, caminhava como enlevado pela angélica figura de sua mãe, sem reparar naquelas pessoas que por ele passavam admiradas e com o olhar investigador.

Junto duma estrada — tira preta, aos zig-zagues entre os campos, cheirando a asfalto queimado — erguia-se um moderno edifício, que pelo aspecto, dava a entender que era a escola primária. Confirmou-o um grupo de alegres crianças, que entre mil e uma travessuras, cantando e assobiando, dirigiam-se naquela direcção. Também elas, ávidas de interesse e curiosidade, estacionaram à vista do estranho transeunte.

Fitou-as com o olhar de saudade, como se revisse nelas a sua infância alegre e despreocupada, de sacola ao ombro, a caminho da escola, um velho casarão, levado muitas vezes pela sua santa mãe. Uma lágrima de reconhecimento para com a boa velhinha, deslizou-lhe pela face.

Junto da casa, pelo que viu, apercebeu-se de que era habitada. Não tinha sofrido nenhuma modificação. Lá estava o mesmo jardim constituído por flores campestres. As trepadeiras subiam pela parede, ocultando uma janela de pequenas dimensões, semi-aberta. Dois gatos, espreguiçavam-se descuidadamente sobre uma relva tenra e fresca.

A medo, bateu à porta. Um passo curto e moroso, seguiu-se. Momentos depois, tinha o viajante na sua frente uma velha alquebrada, de face rugosa e expressão extinta. Os seus olhos moviam-se nas órbitas tão febrilmente, como se um fogo interior os queimasse.

E, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, sentiu-se enlaçado por uns braços esqueléticos, ao mesmo tempo que ouvira:

— Ai, o meu querido filho!... O meu António!...

De súbito, os braços que o envolviam, desfaleceram. E os olhos que o fitavam, ainda há pouco tão buliçosos, iam-se aquietando numa atitude feliz e resignada.

— Mãe, querida mãe! — Chamou-a, assustado.

Não obteve resposta. Tinha na sua frente um cadáver. Carinhosamente, fechou os olhos à que lhos abriu para o mundo. Mas aqueles olhos sem vida, pareciam ainda fitar o filho longamente, numa atitude beatífica, como que agradecendo-lhe a realização do seu último desejo nesta terra.

Sidónio Ferreira

Miscelânea

A inveja vista de relance

Já Horácio afirmava: «O invejoso emagrece de ver a gordura alheia».

E Virgílio dizia que «a inveja, como o vento, açoita sempre os cumes mais altos».

Curiosidades históricas

Freses de Oliveira Martins, da Vida de Nun'Alvares:

«Em Santarém, D. João I, com grave escândalo de João das Regras e dos juristas, repartia o Reino com quem lho ajudara a ganhar. Dantes, segundo a regra de Alvaro Pais, dava-se o que se não tinha; mas agora a vitória selava a posse. Vasco Mar-

AVISO

Agradecemos a todos os nossos colaboradores a fineza de nos entregarem o original até ao dia 15 de cada mês.

tins de Melo, o pai (que o filho morrerá da sua loucura) teve Santarém. Nuno Alvares foi confirmado no condado de Ourém e em todas as doações anteriores, acrescentadas com o

Porto-de-Mós e o Rabaçal, Alvaiázere e Terra-de-Pena, e a de Basto, com Barroso e o Arco-de-Baúlhe, dadas já, ou prometidas, no Porto a D. Leonor de Alvim, foi confirmado no condado de Barcelos, com Portel, Sacavém e os seus reguengos e o serviço real dos judeus de Lisboa e o seu termo. Era a mais opípara das doações, cuja renda os invejosos calculavam acima de dezasseis mil dobras».

Curiosidades literárias

Garcia de Resende — Nasceu em Évora, talvez em 1470 (ou antes). Era filho de Francisco de Resende. Foi moço de câmara de D. João II.

Poeta e historiador, conseguiu compilar o Cancioneiro Geral com que honrou as letras.

De versos alegres e prosa límpida, Garcia de Resende é uma figura relevante nas letras nacionais.

Aniversários 1.º de Dezembro

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

(Continuação da página 1)

Fazem anos no corrente mês os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — José Gonçalves e Manuel Acácio Fernandes.

DIA 3 — Henrique Adelino G. Dias.

DIA 5 — Maria da Silva Lopes, Rogério da Silva Pereira, Maria Lourdes Silva Gonçalves Costa e António Joaquim Pereira Alves.

DIA 6 — Manuel José Ramos Gonçalves e Maria Conceição Silva.

DIA 7 — Maria Cesaltina Santos Faria.

DIA 8 — António Fernandes Reis, José Maria Teixeira Miranda, Maria do Carmo Santos Gomes, Maria Emília Dias Gonçalves, Maria da Glória Simões Silva e Francisco Gomes Alves.

DIA 9 — Maria Helena Carvalho Miranda e Maria do Carmo Arantes Miranda.

DIA 10 — Maria José Gomes Dantas e Emília Martins Loureiro.

DIA 11 — Maria Messias Rocha e Sá, Maria Cândida Rocha Costa, Maria Anjos Sousa Miranda e Teresa Pereira Duarte.

DIA 12 — Dolores Oliveira Rocha, Maria da Conceição Vieira Alves, Maria Antonieta Oliveira Silva e Elvira Barbosa Gomes.

DIA 13 — António Joaquim Dantas.

DIA 15 — Sidónio Ferreira da Silva.

DIA 16 — Maria da Conceição Alvaro Silva, Maria Emília Arantes Carvalho e Carolina Miranda Mendes.

DIA 18 — Maria Helena Pimenta Baptista e José Henrique Silva Correia.

DIA 19 — José Pereira Quinta Gomes Costa e Ana Costa Pereira.

DIA 20 — Carlos Gonçalves Ramos.

DIA 22 — Assunção Coelho Peixoto e Carlos Pereira Vale.

DIA 23 — Maria de Lourdes Pereira Rodrigues e Teresa Jesus Pereira da Silva.

DIA 24 — Maria da Glória Oliveira Lucas e José Costa Fernandes Machado.

DIA 26 — Maria Celeste Pereira Fernandes e Maria Manuela Faria

DIA 27 — Maria Etelvina Ferreira Saraiva.

DIA 28 — Maria de Jesus Pereira Fernandes e Glória do Carmo Oliveira Martins Silva.

DIA 29 — Maria José Pereira Rodrigues, Maria Adelaide Silva Melo, Maria Mendes Martins e Maria Júlia Monteiro Barbosa.

DIA 30 — Maria Manuela Cardoso Ivars e Maria Prazeres Rodrigues Cruz.

A todos, os nossos sinceros parabéns.

60 anos, a acorrentou a ambições estranhas!...

Os séculos passaram e hoje, esse dia, não é só uma evocação dum passado de glória, é, também, uma lição constante do que pode um povo, pequenino, enfraquecido, quando se une em volta do Ideal sagrado da Liberdade da Terra, onde nasceu. Não é apenas a riqueza do solo, a beleza dos seus recantos, o esplendor de cidades, a imponência de monumentos grandiosos, o desenvolvimento das indústrias e do comércio, que faz os povos, num sacrifício heróico, lutar pela liberdade das suas Pátrias. Mais do que isso, é a grandeza do património espiritual, é a beleza das tradições, é a riqueza das obras dos seus homens de génio, é a devoção, a fé e o amor a tudo e a todos que criaram, defenderam e elevaram o nome do seu País e o fizeram brilhar como um facho donde irradiou luz...

Mocidade! Ajoelha ante a memória dos homens que desembainharam as espadas e as fizeram brilhar ao Sol radioso do 1.º de Dezembro! Mocidade! Bendiz as mães que nesse dia entregaram, a seus filhos, as espadas de que a Pátria precisou para ser livre!...

M. L.

Ao evocar o 1.º de Dezembro ocorre-nos à lembrança o que alguém disse ao focar a essencialidade da data histórica de 1640. (De A. P. de Lemos).

«Respondem por nós todos aqueles que, à luz indecisa e matinal da fundação, forjaram uma vontade colectiva e deram um corpo à nacionalidade; respondem por nós — todos aqueles que, na hora meridiana da grande jornada do Oceano, projectaram um tipo de cultura, um estilo de civilização, universalizando-a, sagrando-a pelo espírito; respondem por nós todos os que, nos momentos incertos e sombrios da Restauração, souberam manter ígneo e vivo o

fogo comum — abrasado num pensamento de continuidade e de renovação. Todos respondem por nós: os que ilustraram os seus nomes em feitos de glória e os que deram o sangue humilde para que outros nomes se ilustrassem: todos — os vivos e os mortos! — os que morreram para que a Pátria viva e os que vivem para que a Pátria não morra...

Na biografia dos povos as grandes datas de exaltação nacional devem ser criadoras de sentimentos tonificadores e salutares: deverão acordar em nós as fecundas paixões que resgatam os erros ou as fraquezas, mas nunca a amargura, ou a retaliação, ou o ódio... Nas fontes emocionais aonde buscamos as razões fortes da existência colectiva, tentemos fixar mais do que o calor humano que a gerou — a ideia-força que é permanente e imutável e só acidentalmente revestida do eco de uma data, da memória de uma campanha, do significado dum gesto...

Eu sei bem que o que mais impressiona as imaginações é o espectáculo das horas vivas e trepidantes, são os grandes lances da luta, as vitórias de cem batalhas, o clangor de epopeia — numa palavra, o que há de aparente, de episódico e de dramático. Mas desse feixe de acontecimentos é mister extrair, em toda a plenitude, o seu profundo significado: um conteúdo espiritual, a contribuição de uma época, o enriquecimento do património de séculos, a integração dum momento ao mesmo pensamento em marcha: procurar no que foi a razão do que é, na certeza do que há-de ser.

A Restauração é um das grandes marcos da aventura histórica dos portugueses: ao apelo mais íntimo das forças seculares, a labareda da vida revigorou as energias nacionais e o que semeámos, ao longo das idades, em sulcos de inteligência, de espírito e de vontade, acorria à solicitação das almas, num longo estretecimento colectivo».

O Público dos Cinemas

POR mais importantes que se julguem os «críticos encartados», a verdade é ser o público, o grande público dos cinemas, quem decide do êxito ou do fracasso dos filmes. Por muito justas que sejam as opiniões dos mais competentes, se eles «bradaram no deserto», isto é, se a esmagadora maioria dos espectadores reage diferentemente, o que vence não é a opinião dos críticos, mas a do público. Temos exemplos recentes bem significativos. Por muito belo que seja o espectáculo de «Romeu e Julieta», de Castellani, o filme não foi além de uma semana, enquanto vulgaridades inferiores como «Os Filhos de ninguém» obtiveram uma excepcional carreira de dezasete semanas!

Dezasete semanas! Para quem olhe superficialmente para o problema, é desencorajador.

Mas para quem se debruce sobre as realidades que podem justificar tal inversão de valores com a intenção de contribuir, por pouco que seja, para as modificar, isso será mais uma razão para estimular a sua tarefa. A cultura cinematográfica entre o nosso público é baixa? Pois bem, procure-se fazer subir o seu nível.

Perante tal disparidade de gostos e preferências, deve a crítica renunciar? De modo nenhum e, pelo contrário, a sua acção deve ser cada vez mais combativa, mais esclarecedora e actuante, sabido que a cultura não é possível sem aprendizagem morosa.

Os frutos de uma acção pedagógica coerente e persistente deverão, por força, surgir. E é evidente que a actividade da crítica cinematográfica honesta provoca, quando atinge grandes camadas de público, profundos e benéficos efeitos. Mas a crítica não é mais do que um processo limitado de orientação do grande público. Estabelece diálogo com o leitor, é verdade, mas um diálogo restrito a um filme e sem possibilidade de esclarecer dúvidas que surgem ou discordâncias que se levantam. É uma forma passiva de orientar e estimular o sentido crítico do público. As revistas especializadas — é evidente — aprofundam muito mais os problemas, é certo, mas o seu campo de acção, o número de leitores, é também muito menor do que o da Imprensa de grande circulação.

Outras formas, mais directas e frutuosas, de formar uma cultura cinematográfica são, por exemplo, os cine-clubes, verdadeiras escolas de espectadores e campo mais fértil ao aparecimento de novos críticos e especialistas. E para as pessoas que se deixam desanimar facilmente pela falta de interesse demonstrado pelo grande público, em face de algumas obras de arte que têm

passado ignoradas pelos nossos cinemas, diremos que, por outro lado, assistimos no nosso país a um crescer progressivo de interesse pela fundação de cine-clubes.

Na província, centenas de pessoas que amam o cinema como arte têm-se reunido em colectividades recém-criadas, procurando orientar o gosto do público pelos filmes mais representativos e iniciar o estudo prático dos problemas cinematográficos. Isso aconteceu em Oliveira de Azemeis, em Aveiro, em Braga, etc.

Não é isto um indício de que aumenta o interesse pela sétima arte? Sem dúvida. E quando o público se interessa verdadeiramente, isso é o fundamental. Se este interesse for estimulado e auxiliado, o ambiente cinematográfico português, sofrerá, em breve, uma sensível mutação e as melhores obras cinematográficas já não correrão o risco de passarem despercebidas dos nossos «écrans».

Conheça a poesia portuguesa A ESCOLA TÉCNICA DE BARCELOS

A PORTUGAL

Meu Portugal, meu berço de inocente;
lisa estrada que andei débil infante;
variado jardim do adolescente,
meu laranjal em flor sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrelas rutilante,
meu vergado pomar dum rico outono,
se meu berço final no último sono!

Costumei-me a saber os teus segredos
desde que soube amar; e amei-os
[tanto]...
Sonhava as noites de teus dias ledos
afogado de enlevo, em riso e em pranto.
Quis dar-te hinos de amor, débeis os
[dedos]
não sabiam soltar da lira o canto,
mas amar-te o esplendor de imenso
[brinho]...
eu tinha um coração, e era teu filho!

Jardim da Europa à beira-mar plantado
de louros e de acácias olorosas;
de fontes e arroios serpeado,
rasgado por torrentes alterosas;
onde num cerro erguido e requeimado
se casam em festões jasmim e rosas;
balsa virente de eternal magia
onde as aves gorgeariam noite e dia.

O que te desdenhar, mente sem brio,
ou nunca viu teus prados e teus montes;
ou nunca, ao pôr do sol de ameno estio;
viu franjas de ouro e rosa os horizontes,
ondas de azul e prata em cada rio,
as perlas e os rubis de tuas fontes;
nem de teus anjos, térreo paraíso,
sentiu o magnetismo num sorriso.

Pátria! filha do sol das primaveras,
rica dona de messes e pomares,
recorda ao mundo ingrato as priscas eras
em que tu lhe ensinaste a erguer altares!
Mostra-lhe os esqueletos das galeras
que foram descobrir mundos e mares.
Se alguém menosprezar teu manto pobre,
ri-te do fátuo que se julga nobre!

Porque te miras triste sobre as águas,
pobre... dáquem e dalém-mar senhora?
e te consumes nas candentes fráguas
das saudades cruéis que tens doutroa?
Por tantos louros que te deram? máguas?
Foste mal paga e mal julgada? embora!
Hás-de cingir o teu diadema augusto;
são teus filhos leais, e Deus é justo!

Três testemunhas tens que ao mundo
[inteiro],
grandes, hão-de levar-te a ingente glória:
Camões, o sol, o oceano; que o primeiro,
ergueu-te em alto canto a nobre história.
Com prantos e com sangue, audaz
[guerreiro],
o seu livro escreveu d'alta memória!
Lêde os cantos divinos do poeta,
entoados em harpa de profeta!

O mar, na eterna lida profísa,
cansado de correr largos desvios,
vem afogar a sede angustiosa
no saboroso néctar de teus rios.
E quando, noutra idade mais ditosa,
tu mandaste alongar teus senhorios,
conhecendo o roçar das tuas sondas,
cavou as penhas, e aplanou as ondas.

Bramir ouviste o Génio das tormentas,
algoz de tanto nauta aventureiro;
vestido de neblinas pardacentas,
assoprando golfadas de aguaceiro;
mas quando viu, nas quilhas tão atentas,
içado o teu pendão, tão altaneiro,
acendendo o Sant'Elmo resplendente
iluminou-te as portas do Oriente!

Fiel, sempre fiel à tua glória,
conduziu-te o Evangelho a longes terras;
acompanhou-te os cantos da vitória,
saudou-te os brios nas longínquas guerras!
Rasgem embora, ó pátria, a tua história;
enquanto o mar bramir, quebrando serras,
ou brincar nas areias, em bonança,
há-de falar de ti, pátria, descansa.

Qual no deserto o lasso viandante
vai no oásis sentar-se ao fim do dia,
achando atenuado o arquejante,
verdor, fontes, aromas, e harmonia,
e naquela atmosfera inebriante,
se alimenta, se farta, se extasia,
tal és do sol oásis reservado,
jardim da Europa à beira-mar plantado.

Aqui apura os raios de luz viva
nos bosques, nos rosais, e nas campinas;
dum iris c'roa a nuvem mais escura,
nem tem c'roa real pedras mais finas;
faz prisma cada fonte que deriva
por encosta suave entre boninas;
dá luz dourada à selva que verdeja;
e o sol de Portugal o mundo o inveja.

Mas não é d'hoje só que o passageiro
te vê ledos banhar em cada fonte,
ou entre a branda relva do valeiro,
ou sobre as neves do jaspeado monte;
já não é d'hoje só que o mundo inteiro
fala do brilho teu neste horizonte;
já celtiberos, mouros e romanos,
choraram pelo sol dos lusitanos.

Lua do meu país, não me esqueceste,
que eu sempre soube amar tua lindeza;
bem sei que é este o sólio que escolheste
bem sei que tens aqui maior pureza;
mas tanto os meus segredos entendeste,
era tão minha só tua tristeza,
que se não te invoquei, saudosa lua,
foi por zelos da terra, minha... e tua!...

Por ti canto, meu berço de inocente;
lisa estrada que andei débil infante;
meu viçoso jardim de adolescente,
meu laranjal em flor sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrelas rutilante.
Tu... dá-me ao cerrar noite o meu
[inverno],
um leito funeral ao sono eterno.

Tomás Ribeiro

«Boletim Social da TEBE»

«O Despertar», de 5/10/57,
referiu-se ao aniversário do
nosso «Boletim» nos seguintes
termos:

«Comerando o seu 4.º Aniversário,
este Boletim faz publicar um brilhante
número de 40 páginas, de bom aspecto
gráfico e de apreciável colaboração.
As nossas saudações, por tal motivo».

Agradecemos.

VAI SER INSTALADA na CASA DE MENDANHO

(Continuação da página 1)

Barcelinhos como gato borra-
lheiro continua adormecido — a
monumental estátua de D. Antó-
nio Barroso, o bispo bom, que
parece abençoar, como em vida,
os pobrezinhos da sua terra. Aqui,
além, um pormenor de alto va-
lor artístico, como a Igreja Ma-
triz, o pelourinho, o Solar dos
Pinheiros ou Casa do Barbadão,
a Colegiada, o palácio dos du-
ques de Bragança, etc.

Quando agora passo por Bar-
celos encontro a cidade conten-
te, feliz, porque o Governo da
Nação resolveu — e bem — do-
tá-la com uma escola técnica.
Os parentes e amigos rodearam-
me e, «una voce», exigiram do
modesto repórter uma notícia de
sabor regionalista, no «Diário de
Notícias». É que para Barcelos
a escola técnica representa um
melhoramento notável — a afir-
mação de que o presente é digno
do passado, já que — se a con-
servação das ruínas como as dos
Paços dos Duques de Bragança,
merece a admiração dos Barce-
lenses, se as casas de D. Nuno
Alvares Pereira e do «Alferes
Barcelense» infundem respeito
— a verdade é que o progresso
de Barcelos exigia, de há muito,
a criação de um estabelecimento
de ensino técnico, comercial e
industrial, onde a sua moderna
geração possa educar-se e fazer-
se gente de acção e de trabalho
produtivo e construtivo. Pela
sua privilegiada situação, no co-
ração do Minho, a poucos qui-
lómetros de Braga, sede do dis-
trito, e de Viana do Castelo, e
até do Porto, Barcelos é um im-

portante centro comercial e in-
dustrial (a indústria de cerâmica
é conhecida em todo o País e
até imitada em algumas regiões,
especialmente pelos seus típicos
bonecos de barro, que, em boa
hora, a visão artística e patrióti-
ca do malogrado António Ferro,
quando director do S. N. I., foi
descobrir e revelou, nacional e
internacionalmente).

Inquiri:

— E onde vão vocês instalar a
escola técnica?

Citaram-me várias casas sola-
rengas, como a do conde de Vi-
las Boas, sobre o rio Cávado,
mas sabemos que a escolhida foi
a casa de Mendanho, onde este-
ve a G. N. R. (hoje em Barce-
linhos). E aqui vou eu em busca
da tradição dos Mendanhos, já
que a casa era minha conhecida
e sabia que, sujeita às indispen-
sáveis obras de restauração e
adaptação, se presta ao fim em
vista. Cabe, portanto, aqui, à
maneira do Mancelos Sampaio e
Augusto Soucasaux, autores de
«Barcelos—Resenha Histórica,
Pitoresca e Artística», recordar a
família que deu origem à casa
onde vai ser instalada a escola
técnica.

Trata-se de uma família espa-
nhola, de Castro Nuño, em Caste-
la, com o senhorio de várias terras
com o qual Pedro de Mendanha,
ou Avendaño, vivia ricamente.
Depois da morte de Henrique IV,
rei de Castela, aquele Pedro de
Mendanha tomou o partido da
Beltraneja (a rainha D. Joana,
mulher de D. Afonso V e que em
Portugal foi a «Excelente Senho-

(Continua na página 2)



O MUNDO PELA IMAGEM

BUENOS AIRES — Mercado Central onde em 1902 terminava a Avenida de Maio